ISSN: 2358-8829

# RAÍZES: O QUE EXISTE EMBAIXO DA TERRA?

Juliana de Souza Vieira [1]
Bruna Martins Rios [2]
Gildete Maria Gomes da Costa [3]

## INTRODUÇÃO

O cotidiano da Educação Infantil é atravessado por acontecimentos que, quando acolhidos pela escuta docente, podem se transformar em percursos de investigação. Foi em uma brincadeira no parque do Núcleo de Educação Infantil Professora Odácia Tereza Damázio, em Balneário Camboriú (SC), que crianças do Maternal 2 C, com aproximadamente três anos, encontraram uma raiz exposta entre a terra. Ao observá-la, levantaram hipóteses: poderia ser uma cobra, um galho ou uma "árvore escondida". A última expressão nos convidou a olhar novamente para o que estava à vista e para aquilo que permanecia oculto sob o chão. Dessa experiência emergiu o projeto "Raízes: o que existe embaixo da terra?", cuja pergunta central nasceu da curiosidade infantil, e não de um conteúdo previamente escolhido pelas professoras. O objetivo foi sustentar contextos de investigação nos quais as crianças pudessem observar, comparar, experimentar e expressar suas hipóteses por diferentes linguagens, reconhecendo relações entre natureza, alimentação, arte e transformações dos materiais. Buscou se, igualmente, compreender como a escuta e a documentação pedagógica orientam o planejamento em um projeto construído com crianças pequenas. A proposta dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que reconhecem interações e brincadeiras como eixos das práticas pedagógicas (Brasil, 2010), e com a Base Nacional Comum Curricular, ao valorizar os direitos de explorar, participar e expressar-se (Brasil, 2018). O percurso revelou que o conhecimento não se restringe à obtenção de respostas: ele também se constrói no tempo de observar, no imprevisto e na possibilidade de recomeçar.

[1] Professora da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú, juliana.vieira@edu.bc.sc.gov.br;
[2]Professora da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú, bruna.rios@edu.bc.sc.gov.br
[3] Professora da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú, gildete.silva@edu.bc.sc.gov.br

ISSN: 2358-8829

## METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência pedagógica de caráter qualitativo e investigativo, desenvolvido com a turma Maternal 2 C de uma instituição pública municipal de Educação Infantil. O percurso não seguiu uma sequência rígida de atividades. Partiu de observações realizadas no parque e foi reorganizado continuamente conforme as ações, falas, interesses e perguntas das crianças. As professoras propuseram materiais e contextos de exploração, acompanharam as manifestações infantis e retomaram os registros para decidir os desdobramentos seguintes. Constituíram fontes de documentação as anotações docentes, as falas das crianças, as fotografias e as produções elaboradas durante as experiências. Esses registros foram utilizados para interpretar processos, e não para medir desempenhos ou estabelecer respostas corretas. As situações envolveram observação de raízes no parque, exploração sensorial de gengibre, batata doce, beterraba, açafrão, cenoura e aipim, uso de lupas, acompanhamento de brotações em recipientes transparentes, experimentações com pigmentos, água e luz, preparo de massinha e pão, degustações, aproximação de saberes culturais e plantio. Na apresentação pública de registros visuais, devem ser observadas as autorizações institucionais e familiares para uso de imagens das crianças. Este artigo privilegia a descrição dos processos e não identifica individualmente os participantes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil situam a criança como sujeito histórico e de direitos que constrói sentidos nas interações e nas práticas cotidianas (Brasil, 2010). A BNCC (Brasil, 2018) reafirma a importância de experiências nas quais brincar, explorar, conviver e expressar-se sejam dimensões indissociáveis do desenvolvimento infantil. Nessa perspectiva, a investigação não se organiza como transmissão antecipada de explicações, mas como encontro entre a curiosidade das crianças, os materiais e a mediação intencional das professoras. A abordagem de Reggio Emilia, discutida por Edwards, Gandini e Forman, contribui para reconhecer as múltiplas linguagens pelas quais as crianças elaboram e comunicam suas interpretações do mundo. Tiriba (2010), ao discutir as relações entre infância e natureza, amplia a reflexão sobre o direito das crianças ao contato cotidiano com ambientes naturais. Louv (2016) também

ISSN: 2358-8829

destaca a importância dessa aproximação. Esses referenciais ajudam a compreender o parque como território de experiência e pesquisa, e a documentação pedagógica como possibilidade de escuta, interpretação e continuidade do planejamento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira descoberta deslocou o olhar do grupo sobre um espaço familiar. A raiz que emergia do chão, associada pelas crianças a uma cobra, um galho ou uma "árvore escondida", deu origem a novas perguntas: até onde ela iria, como seriam as partes das plantas que não podíamos ver e o que mais cresceria sob a terra? As professoras não corrigiram imediatamente as hipóteses. A observação de gestos, retornos ao mesmo lugar e comparações mostrou que as perguntas infantis nem sempre aparecem em frases completas. Muitas vezes, elas se manifestam ao tocar, cheirar, aproximar objetos e insistir em uma exploração. Na sequência, diferentes raízes e alimentos cultivados sob a terra foram disponibilizados para manipulação. Gengibre, batata-doce, beterraba, açafrão, cenoura e aipim provocaram comparações de tamanhos, formas, pesos, texturas, cores e cheiros. As lupas permitiram examinar brotos, marcas e superfícies. O corpo participou da investigação de maneira integrada: as crianças observavam com os olhos, mas também com as mãos, o olfato e os movimentos. Para tornar visíveis mudanças que normalmente acontecem sob o solo, cenoura, beterraba, batata-doce e gengibre foram colocados em recipientes transparentes com água. Na primeira tentativa, os alimentos apresentaram mofo. Ao revisitar as condições da experiência, as professoras observaram que os recipientes estavam em um local sem incidência de luz solar e decidiram refazer a proposta em outro ambiente. A segunda tentativa possibilitou acompanhar o desenvolvimento de raízes. O episódio não foi tratado como fracasso: ofereceu uma oportunidade de observar, comparar condições, formular novas possibilidades e compreender que o percurso investigativo inclui incertezas e recomeços. Não se atribui, contudo, o aparecimento do mofo a uma causa única comprovada. O açafrão, apresentado inicialmente por uma professora de outra turma que trouxe uma planta cultivada em casa, ampliou a pesquisa para as transformações da matéria. As crianças compararam sua forma natural e em pó, perceberam a intensidade do pigmento e prepararam massinha com farinha de trigo, água e açafrão. Misturar, apertar e acrescentar água tornou-se parte da descoberta, sem que a produção de uma massa uniforme fosse o objetivo principal. Em

ISSN: 2358-8829

outra experiência, a mistura de açafrão e água, observada em contato com a luz, revelou novas tonalidades e transparências. O preparo e a degustação do pão de açafrão incorporaram cheiros, texturas e sabores ao percurso. A beterraba, por sua vez, possibilitou explorações gráficas e pictóricas. Ao esfregar, pressionar e pintar, as crianças investigaram as marcas deixadas pelo pigmento natural. Quando os trabalhos ficaram expostos para apreciação das famílias, uma criança percebeu o desbotamento e comentou: "prof, o desenho fugiu!". A observação tornou visível uma transformação inesperada, reafirmando que as produções artísticas também podem suscitar perguntas e investigações, em vez de servir apenas como representação final de um conteúdo. O aipim aproximou a investigação da alimentação e dos saberes culturais. As professoras levaram um pé inteiro da planta para que as crianças observassem suas partes, sua aparência externa e seu interior após o corte. A degustação, o contato com a farinha e a tapioca e as histórias relacionadas à mandioca e aos conhecimentos dos povos originários ampliaram as relações entre natureza e cultura. Depois dessas experiências, foram plantados tocos de aipim. O plantio introduziu novamente a espera e o cuidado: a pergunta passou a ser o que aconteceria com aquilo que havia sido devolvido à terra. Ao revisitar fotografias, falas, produções e anotações, as professoras perceberam que o principal resultado não era memorizar nomes ou características das raízes, mas ampliar modos de pesquisar o mundo. As crianças observaram diferenças, acompanharam transformações, retomaram hipóteses e participaram de experiências sensoriais, artísticas e culturais. A documentação pedagógica permitiu reconhecer interesses, interpretar gestos e planejar novas situações. O parque, antes percebido sobretudo como lugar de brincadeira, afirmou-se também como espaço de investigação, abrindo perguntas sobre o que o chão guarda, quem vive nele e o que se transforma nesse ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto "Raízes: o que existe embaixo da terra?" evidenciou a potência de uma investigação que nasce de um acontecimento cotidiano e se desenvolve com as crianças. Uma raiz exposta no parque tornou-se ponto de partida para experiências com diferentes materialidades, brotações, pigmentos, luz, alimentos, histórias e plantio. A curiosidade inicial não foi encerrada por uma explicação pronta: ela ganhou novos sentidos a cada encontro. A experiência reafirmou que a intencionalidade docente não depende de

antecipar todos os resultados. Ela se manifesta na escolha dos materiais, na organização dos contextos, na escuta atenta, na documentação e na disponibilidade para modificar os caminhos quando algo inesperado acontece. O episódio do mofo, o desbotamento das pinturas e a espera pelo crescimento do aipim mostraram que investigar também envolve dúvida, tempo e recomeço. Como desdobramento, o grupo passou a olhar de outra maneira para o chão do parque e suas materialidades. Para as professoras, o percurso reforçou a importância de uma Educação Infantil que reconheça as crianças como produtoras de hipóteses e conhecimentos, respeitando seus tempos e suas múltiplas formas de expressão. A pergunta sobre o que existe embaixo da terra encontrou algumas respostas, mas seu maior alcance foi fazer nascer outras perguntas. Palavras-chave: Educação Infantil; Investigação; Natureza; Escuta das crianças; Documentação pedagógica.

## REFERÊNCIAS

BALNEÁRIO CAMBORIÚ. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú: Secretaria Municipal de Educação.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010. BRASIL. Ministério da Educação.

**Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. EDWARDS.

Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

TIRIBA, Léa. **Crianças da natureza**. **In: SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO: perspectivas atuais**, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010